



Odorico Mendes por ele mesmo: traduzindo a *Iliada*

Odorico Mendes by himself: translating the *Iliad*

Tatiana Chanoca¹

<http://orcid.org/0000-0002-8541-1719>
tatianachanoca@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i1.56946>

RESUMO: Este artigo busca apresentar e refletir a respeito da proposta tradutória de Odorico Mendes ao verter a *Iliada* para a língua portuguesa. O estudo será guiado principalmente por textos do próprio tradutor a respeito de seu trabalho, com o objetivo de encontrar os motivos para a escolha da *Iliada*, a visão que o tradutor tinha de Homero (e da própria *Iliada*), como foi o processo tradutório e o que ele pretendia com a tradução.

PALAVRAS-CHAVE: *Iliada*; Homero; Odorico Mendes.

ABSTRACT: This paper aims to present and reflect on Odorico Mendes' translation proposal when translating the *Iliad* into Portuguese. It will be guided mainly by texts of the translator himself about his work in order to discuss his views on Homer (namely on *Iliad*) and his method and choices in the translation process.

KEYWORDS: *Iliad*; Homer; Odorico Mendes.

¹ Doutora em língua e literatura grega antiga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Vida, obra e o começo da *Iliada*

Manuel Odorico Mendes nasceu em 1799, no Maranhão. Apesar de ter sempre mostrado pendor para as Letras, seu pai decidiu enviá-lo para Coimbra para cursar Medicina. Com a morte do pai, faltaram recursos para que Odorico seguisse o curso, e então ele se viu obrigado a abandoná-lo, voltando para o Brasil, onde passou a atuar na política e no jornalismo (LISBOA, 1874, p. XIII). Mesmo seguindo fundamentalmente carreira na vida política do Maranhão, Mendes não abandonou o interesse pela literatura, publicando nos jornais alguns poemas, como o *Hino à tarde* e *Opúsculos*, além de ter traduzido *Mélope* (1831) e *Tancredo* (1839), de Voltaire. Seus poemas e suas traduções apareceram num momento no qual havia no Maranhão o gosto literário, como mostra “o apuro com que ali se estudava e escrevia a língua nacional em contraste com o desleixo com que era tratada no resto do Brasil” (VERÍSSIMO, 1963, p. 188). Eram fundados jornais e revistas de literatura, e a Sociedade Filomática foi pioneira, no Brasil, em organizar conferências literárias. Além disso, desde 1847 o Maranhão possuía uma imprensa capaz de imprimir, com qualidade, obras volumosas:

Neste ambiente, por qualquer motivo que nos escapa, literário, apareceu a bela progênie de jornalistas, poetas, historiadores, críticos, eruditos, sabedores que desde o momento da Independência até os anos 1860 [...] ilustraram o Maranhão e lhe mereceram a alcunha gloriosa de Atenas Brasileira (VERÍSSIMO, 1963, p. 188).

Depois de sua sexta legislatura como deputado, Mendes foi viver em Paris, e se dedicou à atividade de tradutor: grande admirador de Virgílio, traduziu toda a sua obra, com o título de *Virgílio Brasileiro* (1858);² e depois, por sugestão de sua irmã, D. Militina Jasen Miller,³ começou a tradução dos poemas homéricos, sendo dele a primeira tradução integral da *Iliada* para a língua portuguesa. Como evidenciam suas cartas, no início ele traduzia lentamente e num ânimo um tanto pessimista: sabendo já muito pouco de grego — por ter esquecido o que aprendera — e não conhecendo o suficiente da cultura homérica (motivo pelo qual fez uma extensa pesquisa, cercandose de mapas, intérpretes e comentadores), se considerava um mau helenista,⁴ e dizia que em sua

² Em 1854 ele publicou apenas a *Eneida* com o título de *Eneida Brasileira*, e em 1858 publicou o *Virgílio Brasileiro*, com a *Eneida*, as *Bucólicas* e as *Geórgicas* (LISBOA, 1874, p. XXIII-XXIV).

³ Cf. MENDES, 2010, p. 51. Esse prólogo à tradução da *Iliada*, escrito por Odorico Mendes, não foi publicado com ela. O texto foi encontrado em 2008 entre os Arquivos do Museu Imperial de Petrópolis por Raquel da Silva Yee, Rosane de Souza e Ronaldo Lima, e publicado no artigo “A *Iliada* por Odorico Mendes: prólogo inédito da tradução”, nos *Cadernos de Literatura em Tradução*.

⁴ Cf. MENDES, 1989, p. 38-39. Paris, 20 de abril de 1856.

idade era preciso coragem para fazer essa tradução, a qual, segundo ele, só conseguiria levar a cabo se pudesse viajar pelas regiões nas quais se passam as principais cenas da *Iliada*.⁵ Mas

o provável he que tudo isto fique em bons desejos. Pobre como sou, necessitando andar eu mesmo a fazer compras, necessitando de viver quasi sem commodidades, com restricções e poupanças mesquinhas, sinto-me ás vezes com vontade unicamente de dormir, malucar, e mandar á tabua todos estes trabalhos (MENDES, 1989, p. 39).⁶

Sua situação financeira era difícil, ele possuía poucos recursos, recebendo frequentemente auxílio de amigos. Pedia sempre por proteção para seus filhos e procurava indicá-los, ou pedir que amigos o fizessem, para alguém que pudesse empregá-los, não só para que tivessem uma ocupação, mas também porque isso aliviaria suas despesas. Paulo Barbosa da Silva, amigo de Odorico Mendes e mordomo da Casa Imperial, com quem Mendes se correspondia, conseguiu por duas vezes que o Imperador nomeasse Odorico para algum cargo; este, porém, apesar de sua difícil situação, rejeitou as duas. Na primeira vez que uma nomeação foi mencionada, ele ficou aliviado por não ter ido adiante, porque não queria ter que se preocupar com todas as despesas que traz uma nomeação diplomática e por causa de tempo:

Hoje fiz 58 annos, e a Iliada me levaria 8 ao menos, pois que a Pope, que era Pope, as obras de Homero levaram dez annos. Ora, na minha idade, posso affirmar que acabarei uma tal obra? He possível, se a vida não me desamparar, mas unicamente se eu puder executar o trabalho em toda a liberdade; e, se o não executar, não sou responsavel a ninguém, nem mesmo ao publico; porque não gostando elle ahi dos meus versos, como demonstra a pouca extracção da minha Eneida [...], não tem o direito de exigir de mim trabalho algum, e eu não quero ser escravo. — Á vista do exposto, rogo-lhe que não falle mais ao nosso Imperador sobre a nomeação; e eu fico em descanso (MENDES, 1989, p. 43-44).⁷

Porém, seu desânimo diante da tradução, por causa de sua situação financeira e de sua saúde, persistia ainda um ano depois:

[...] veja se posso ter descanso e possibilidade para continuar a escrever. Não posso pagar sege nem onnibus; a pé vou consultar as bibliotecas, quando volto fatigado não posso trabalhar, além de ir perdendo a vista, cada vez mais [...]

⁵ Cf. MENDES, 1989, p. 38-39. Paris, 20 de abril de 1856.

⁶ Paris, 20 de abril de 1856. A ortografia das citações de Odorico Mendes (de seus textos, de suas cartas e de suas traduções) foi mantida conforme está no original.

⁷ Paris, 24 de janeiro de 1857.

Quanto à tradução de Homero, he impossivel com os tristes meios que me restam: não se voa sem azas (MENDES, 1989, p. 46-47).⁸

E então ele foi de fato nomeado cônsul geral na Turquia, mas pediu que Paulo Barbosa agradecesse ao Imperador o favor, pois depois de calcular todos os gastos que isso acarretaria, ele teria que recusar o cargo. Pelo que escreveu, nota-se, ainda, certa indignação: não queria um emprego que era desprezado na Turquia, temendo por sua segurança, e não receberia o suficiente para as suas necessidades. E mesmo que o dinheiro bastasse, não lhe agradava a ideia de ir parar em um lugar “governado por crianças, que não têm mais probidade e honra, nem [...] tantos serviços e tanto saber” (MENDES, 1989, p. 57):⁹

Se me dessem com que possa viver decentemente, e com a segurança de não me enviarem outro em caracter maior, como se eu fosse indigno, ainda iria, posto que cheio de repugnancia [...]. Não agradeço o despacho senão ao Imperador, e ao compadre a sua boa vontade, fiel amigo [...]; mas então se illudem os que por cá mandam assegurar que eu em pouco tempo serei subordinado a meninos, e isto quando vou fazer 60 annos d’hoje a 14 dias.

Seria para ver que, depois de três mil annos, o Brasileiro que se propõe a traduzir a Iliada fosse quasi pedinte nos mesmos paizes onde esmolava o poeta grego (MENDES, 1989, p. 57-58).¹⁰

Em 1860 cogitou ir viver em Lisboa, onde pretendia publicar alguns escritos, para depois voltar para o Brasil.¹¹ Todavia, no ano de 1861 mudou-se para a Itália, e “nesta tristissima terra” (MENDES, 1989, p. 80),¹² com uma situação financeira mais tranquila, restabelecendo sua saúde e tendo menos distrações, concluiu sua tradução entre 1862 e 1863, após mais de oito anos de trabalho:¹³ “estou acabado. Queira Deus ao menos dar-me vida para a impressão das minhas obras, e principalmente do meu Homero” (MENDES, 1989, p. 82).¹⁴

Em todas essas recusas a cargos oferecidos fica evidente a necessidade que Mendes tinha de um “ócio criativo”, ou seja, de direcionar seu tempo para a criação e reflexão e, logo, à tradução. Caso aceitasse uma nomeação, como o próprio Odorico diz, ele não poderia executar com liberdade

⁸ Paris, 25 de janeiro de 1858.

⁹ Paris, 10 de janeiro de 1859.

¹⁰ Paris, 10 de janeiro de 1859.

¹¹ Cf. MENDES, 1989, p. 66. Paris, 14 de julho de 1860.

¹² Pisa, 12 de novembro de 1861.

¹³ Segundo Leal, citado por Raquel da Silva Yee, Odorico Mendes teria terminado sua tradução no início de 1863, e então começou a da *Odisseia*, finalizada depois de um ano (YEE, 2010, p. 43). Porém, João Francisco Lisboa, na bibliografia de Odorico Mendes, que foi publicada em 1862, diz que Mendes já havia terminado a *Ilíada* e começado a *Odisseia*.

¹⁴ Paris, 26 de junho de 1864.

sua tradução, e esta, condicionada ao tempo que restasse, poderia não ser terminada. Isso mostra ainda uma grande contribuição de Odorico Mendes para o ofício de tradutor: ao rejeitar os cargos, ele mostra que tal ofício exige disponibilidade mental, ou seja, ele tem consciência das exigências desse trabalho. Assim, Mendes “inaugura” uma ideia de tradução como atividade autônoma, quase incompatível com outras funções. Para ele, a tradução não parece ser uma atividade esporádica, e sim uma profissão. É digno de nota, ainda, que ele percebe isso através da sua prática, quer dizer, ele não é formado nisso, ele se forma durante a tradução.

A tradução da *Ilíada*

Antes de começar a traduzir a *Ilíada*, Odorico Mendes estudou a obra de uma maneira geral, consultando, além de mapas, intérpretes e comentadores,

[...] os viajantes modernos, os criticos etc. Este estudo preliminar he de summo interesse, para penetrar-se das ideias do autor, e saber o tom que me cumpre tomar em toda a traducção: ir traduzindo Homero verso por verso, não attendendo ao complexo da obra, fora notavel impericia (MENDES, 1989, p. 40).¹⁵

Odorico Mendes defendia que esses eram preparativos imprescindíveis para traduzir Homero.¹⁶ Há aqui algo muito interessante a se explorar — porque revela muito de como Odorico Mendes entende a tarefa do tradutor —, e que tem grande relação com a afirmação do tradutor de que para que a tradução fosse feita ele precisaria viajar pelas regiões nas quais se passam as principais cenas da *Ilíada*: isso mostra a percepção de Odorico Mendes de que os poemas homéricos vão além do texto; quer dizer, a obra por si não dá conta de toda a complexidade que envolve seu contexto histórico, social e literário. Ao firmar a necessidade de visitar os lugares em que supostamente se passa a história, é como se o trabalho de tradução saltasse do propriamente literário para o campo da experiência.

Como já foi dito, o conhecimento que Odorico Mendes tinha da língua grega à altura em que começou a tradução era já acanhado; ele inclusive consultou um amigo helenista, que disse sinceramente que a empresa estava acima das forças de Odorico. Apesar disso, a irmã do tradutor insistiu para que ele voltasse a estudar o grego e tentasse levar a cabo a tradução,

e eu lancei-me a Homero. A repugnancia em reaprender verbos, dialectos e tantas miudezas, desalentou-me; mas, sempre instado, adaptei o methodo que vou expôr.

¹⁵ Paris, 29 de agosto de 1856.

¹⁶ Cf. MENDES, 1989, p. 38. Paris, 29 de agosto de 1856.

Como distinguia ainda se o que se me apresentava era verbo ou outra parte da oração, procurava todas as palavras gregas nos dicionários, e guiado pela interpretação latina, alinhavava a minha versão; depois consultava as de Mme. Dacier, Bignan, Rochefort, Giguet, Salvini, Monti, Mancini e outros, e se alguma dellas me advertia de qualquer falta ou esquecimento, reformava a minha, tornando a consultar o original, a interpretação latina, commentadores etc. [...] Quando, com este methodo, consegui os tres primeiros livros, li-os ao mencionado hellenista, que he o Sr. Joaquim Caetano da Silva; e elle, tendo-as combinado com o texto, animou-me a continuar (MENDES, 2010, p. 51).¹⁷

A partir da leitura das notas referentes a cada canto escritas por Odorico Mendes, nas quais há informações sobre seu processo tradutório — como suas fontes e o que levava em consideração para traduzir cada termo —, vemos que as traduções mais consultadas foram a de Alfonsine Vincenzo Monti (1825), a de Pierre Giguet (1843), a versão latina de Samuel Clarke (1729) e, um pouco menos do que essas, mas ainda muito empregada, foi a tradução de Rochefort (1766–1770) e a de Anne Dacier (1699). É importante notar que, apesar de já à época existirem no mínimo quatro traduções de partes da *Iliada* para a língua portuguesa,¹⁸ Odorico Mendes sequer as menciona em suas notas, apesar de provavelmente conhecer ao menos uma delas, já que diz ser a sua a primeira tradução completa da *Iliada* para o português.¹⁹

Durante a tradução em si, para auxiliar com o grego Odorico Mendes consultou o *Dictionnaire grec-français* ([1836]), de Charles Alexandre, e a *Clavis Homerica* (1771), um léxico de todas as palavras que aparecem na *Iliada* feito por Samuel Patricio. Já para o latim, foram empregados o *Dictionarium latinum* (1502), de Ambrogio Calepino, e o *Latino-Gallicum. Dictionnaire Latin-Français* (1825), de François-Joseph-Michel Noël. Novamente chamo a atenção para a ausência de títulos em língua portuguesa: como ainda não havia dicionários de grego-português, a falta de obras em português é plenamente justificada; mas já existiam dicionários de latim-português, como o *Diccionario latim-português – arte poética portuguesa* (sem nome de autor, publicado por entre 1301 e 1400) e o de Carlos Folqman, *Diccionario portuguez, e latino* (1755). Como Mendes

¹⁷ Acrescenta-se a versão da *Iliada* de Alexander Pope (1715–1720) às traduções que Mendes menciona ter usado como apoio e comparação (cf. MENDES, 1874, p. 124).

¹⁸ Todas as traduções anteriores são de escritores portugueses: uma tradução dos oito primeiros Cantos feita em 1518, atribuída a D. Jerônimo Osório (mas não foi publicada); a tradução do primeiro Canto, intitulada *Iliada de Homero traduzida em verso portuguez*, de Antonio Maria do Couto e Elpino Tagídio (1810); uma tradução de parte dos Cantos I e VI por Elpino Duriense e publicada na obra *Poesias de Elpino Duriense* (1812); e a tradução de um trecho do Canto I, feita pela Marquesa de Alorna e publicada em suas *Obras Poéticas* (1844). Ao que parece, há outras anteriores à de Odorico Mendes, mas quase desconhecidas (e não me foi possível encontrar mais informações a respeito): a de Joaquim José Caetano Pereira e Sousa, que publicou sua tradução do Canto I nos primeiros anos do século XIX (mas, segundo Innocencio Francisco da Silva, a edição desapareceu); e a tradução do mesmo Canto feita por Francisco Xavier Monteiro de Barros (Cf. o verbete “Manuel Rodrigues da Silva Abreu” no *Diccionario bibliographico portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, no qual é apresentada uma lista de “Fragmentos de versões de Homero metrificadas em língua portugueza”, p. 98).

¹⁹ Cf. MENDES, 2010, p. 52.

viveu, enquanto traduzia a *Iliada*, na França e depois na Itália, é compreensível o uso de dicionários franceses e italianos, uma vez que ele trabalhava em bibliotecas, conforme diz em suas cartas. Mas ele seguiu usando outras obras em língua portuguesa, logo não se pode descartar a possibilidade de os dicionários escolhidos serem, na opinião do tradutor, ao menos, de qualidade superior aos dicionários em língua portuguesa existentes à época.

A leitura dos textos e das notas de Odorico Mendes mostra que a “biblioteca” do tradutor (ou seja, os trabalhos que usou para compor sua tradução) é composta principalmente por helenistas e poetas franceses, portugueses e italianos, possivelmente devido mesmo ao acesso às obras. Entre os primeiros estão, por exemplo, o erudito e historiador francês Marquês de Fortia d’Urban, o poeta André Chénier, o poeta e tradutor Anne Bignan, Charles de La Rue, escritor jesuíta francês, e Jacques Delille, poeta e tradutor francês.²⁰ Entre os portugueses estão os poetas Almeida Garrett, Diogo Bernardes, Correia Garção e o historiador João de Barros, que ficou conhecido como “Lívio Português”;²¹ entre os italianos, por fim, estão Anton Maria Salvini, literato, filólogo e tradutor italiano, e os poetas Melchiorre Cesarotti e Vittorio Alfieri.²²

No que se refere ao vocabulário português, Odorico utilizou principalmente o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789), e o *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portugueza, precedido de uma introdução grammatical* (1836), de Francisco Solano Constancio, os quais, segundo o tradutor, seriam dois dos melhores dicionários de língua portuguesa.²³ Ele utilizou ainda o *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portugueza* (1828), de Fr. Francisco de São Luiz, e o *Grande dictionario portuguez, ou, Thesouro de Lingua Portuguesa* (1872), do Frei Domingos Vieira. Ele também recorreu frequentemente a outros escritores, dos quais aproveitou versos e

²⁰ De Fortia d’Urban Odorico Mendes menciona a obra *Homère et ses écrits* (1832; cf. a notas aos versos III, 125-127 de Mendes); o tradutor não menciona uma obra específica do poeta e helenista André Chénier, mas diz que ele sabia manejar bem a língua francesa, mostrando que ela “he energica e pictoresca” (MENDES, 1874, p. 215); de Charles de La Rue ele menciona o “Essai sur l’épopée homérique”, que introduz a tradução de Bignan da *Iliada* (1840; cf. a notas aos versos III, 125-127), o *Virgili Maronis Opera: interpretatione et notis illustravit Carolus Ruæus* ([1862]; cf. a notas aos versos XVI, 125-127), e a tradução da *Eneida* de Jacques Delille (1804; cf. a notas aos versos III, 125-127).

²¹ Almeida Garrett era, para Odorico Mendes, um poeta exímio, “dos melhores que tem metrificado em nossa lingua” (MENDES, 1874, p. 76); Diogo Bernardes está, com Camões, entre os poetas dos “melhores tempos da nossa poesia” (MENDES, 1874, p. 185); Mendes menciona o Soneto XVI de Correia Garção (cf. notas ao verso II, 429) e o Livro II da Década Segunda da obra *Décadas da Asia*, de João de Barros (cf. notas aos versos II, 148 e VII, 79).

²² Odorico Mendes utilizou a tradução da *Iliada* de Anton Maria Salvini (cf. notas aos versos XV, 229), mencionou o poeta Melchiorre Cesarotti em seu prefácio, dizendo que ele, entre outros tradutores, reflete sobre assuntos relativos a Homero (cf. p. 57 do Prólogo), e afirmou que o poeta Vittorio Alfieri “optimamente conheceu e praticou” as contrações do verso italiano (MENDES, 1874, p. 76).

²³ Cf. MENDES, 1874, p. 283.

termos, principalmente de Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento),²⁴ Camões,²⁵ e Antonio Ferreira,²⁶ que estão entre os poetas que o tradutor mais admirava e que contribuíram muito para a literatura de língua portuguesa: Filinto Elísio é considerado um dos precursores do romantismo português; Camões foi um dos principais poetas portugueses, tendo influenciado muitos outros poetas; e Antonio Ferreira, que ficou conhecido como “Horácio Português”, contribuiu para a introdução do ideal literário renascentista em Portugal, e a quem Odorico Mendes, em uma de suas cartas, chama de “meu poeta” (MENDES, 1989, p. 44).²⁷

Interessa notar, ainda, a respeito da biblioteca de Mendes, que ele consultou estudiosos de outras áreas para auxiliar com termos mais específicos do texto de Homero. São exemplos o arquiteto Antoine-François Mauduit, autor da obra *Erreurs très graves signalées comme existant dans toutes les traductions d'Homere* (1841), em quem Mendes se apoia para discutir o uso do ferro ou do cobre entre os gregos,²⁸ Auguste Jal, escritor e historiador francês, cuja obra *Virgilius nauticus: examen des passages de l'Énéide qui ont trait a la marine* (1843) foi consultada por Odorico Mendes para que nomeasse com precisão as partes do navio,²⁹ o *Dictionnaire d'histoire naturelle* (não foi informado o autor), para melhor traduzir qual seria a cor dos olhos do leão,³⁰ e o gastrônomo francês Brillat-Savarin, para falar dos assados.³¹ Essa consulta a obras especializadas para os assuntos mais específicos do poema pode sugerir que para Odorico Mendes a arte do tradutor e a do filólogo não substituiriam a do arquiteto ou do biólogo, por exemplo, numa tradução; ou seja, se cabe àqueles o conhecimento da língua, para as especificidades de cada arte estes devem ser consultados. Manuel Alves Correia, que publicou sua tradução da *Ilíada* em 1944-1945, parece ter uma visão semelhante à de Odorico Mendes, como fica claro quando ele diz:

Querendo-se dissolver o tropo ou mito em prosa corrente, para se não perder o sentido, convém ter presentes as experiências e descobertas de Arquimedes com sua balança hidrostática, de Pascal na prensa hidráulica, etc.; sem algumas noções de Física, só saberemos dizer que... “a guerra é uma tempestade que leva os campos” (CORREIA, 1944-1945, p. 154).

²⁴ Como mostram as notas da *Ilíada* referentes aos versos II, 262-273; II, 571; IX, 318-324; IX, 399-404; XIII, 494; XIV, 342; XVII, 42-46; XXII, 247 e XXII, 317. Na *Odisseia*, inclusive, Mendes diz que “sempre que tamanho mestre [Filinto Elísio] houver traduzido uma passagem de Homero, de seus versos me aproveitarei, e das suas phrases principalmente” (MENDES, 1928, p. 80).

²⁵ Cf. as notas referentes aos versos: V, 433; VII, 79; XV, 526; XXII, 316; XXII, 419.

²⁶ Cf. as notas referentes aos versos V, 433 e IX, 324.

²⁷ Paris, 24 de janeiro de 1857.

²⁸ Cf. a nota ao verso IV, 404 do tradutor.

²⁹ Cf. a nota ao verso XV, 602 do tradutor.

³⁰ Cf. a nota aos versos XX, 139-134 do tradutor.

³¹ Cf. a nota aos versos VII, 255-257 do tradutor.

Odorico Mendes inclusive toma essa preocupação como critério de fidelidade do tradutor ao texto, o que fica claro na seguinte nota:

129-134. [“Sevo leão, que um pago todo investe,/ Primeiro desdenhoso encara a turba;/ Se de azagaia o sangra ousado moço,/ Torcido e hiante mostra espumeos dentes./ Geme, de cauda açouta ilhaes e coxas, Raiva, olhos gazeos rola [...]”] Nem Buffon, nem o *Dictionnaire d'histoire naturelle*, dá-nos a côr dos olhos do leão, que sam azulados ou azues claros, como o notou Homero. Dos traductores do meu conhecimento, fiel só foi Mr. Giguet (MENDES, 1874, p. 261).³²

A tradução de Odorico Mendes foi feita em versos decassílabos – verso consagrado na língua portuguesa por Camões n’*Os lusíadas* — “soltos” (ou seja, não rimados nem estrofadados). Segundo o helenista brasileiro André Malta (2012, p. 212), “a associação do decassílabo à poesia épica era tão forte, que entre os séculos XVI e XVIII dificilmente encontramos [...] uma tentativa de verter Homero em outro formato”. Apesar de já estarem no século XIX, também seguem a prática — além de Odorico Mendes — as traduções da *Ilíada* de Antonio Maria do Couto e Elpino Tagídio, de Elpino Duriense, da Marquesa de Alorna, de Antonio José Viale e de João Félix Pereira (1890-1891). Ou seja, todas as traduções da *Ilíada* para a língua portuguesa publicadas entre 1800-1900.

Era costume, também, reelaborar o texto de partida de modo que o texto de chegada possuísse o mesmo teor geral daquele, porém mais adequado, embelezado e explicado, logo, mais extenso.³³ Odorico Mendes, adotando em parte essa prática, reelaborou o poema com o mesmo fim, buscando exprimir as mesmas ideias do autor, porém mais concisamente. E então, “economizando” cerca de cem versos em cada Canto, sua tradução possui, no total, 2.580 versos a menos que o texto original. Exemplo dessa concisão está nos versos II, 1-7:

Ἄλλοι μὲν ῥα θεοὶ τε καὶ ἄνθρωποι ἵπποκορυσταὶ
 εὖδον παννύχιοι, Δία δ’ οὐκ ἔχε νήδυμος ὕπνος,
 ἀλλ’ ὅ γε μερμήριζε κατὰ φρένα ὡς Ἀχιλλῆα
 τιμῆσιν, ὀλέσῃ δὲ πολέας ἐπὶ νηυσὶν Ἀχαιῶν.
 Ἦδε δὲ οἱ κατὰ θυμὸν ἀρίστη φαίνετο βουλή,
 πέμψαι ἐπ’ Ἀτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι οὐλον ὄνειρον·
 καὶ μιν φωνήσας ἔπεα πτερόεντα προσηύδα.³⁴

³² Esses versos correspondem ao XX, 164-172 do texto grego.

³³ Cf. MALTA, 2012, p. 214.

³⁴ Numa tradução mais literal seria: “Tanto os outros deuses, então, como os homens que combatem em carros de cavalos/ dormiam por toda a noite, mas o doce sono não tomava Zeus, / ele mesmo maquinava no coração como a Aquiles/ honraria, e destruiria muitos Aqueus junto às naus./ E este plano excelente lhe surgiu no ânimo,/ enviar ao Atrida Agamêmnon funesto sonho;/ e a este falando, dirigiu-lhe as palavras aladas”.

Que na tradução de Odorico Mendes ficou com dois versos a menos:

Deuses e campeões a noite os lia;
Só vela o Padre, a ruminar de que arte
Levante Achilles e escarmente os Gregos.
A Agamemnon soltar por fim resolve
Um malefico Sonho, e o chama e apressa.

Além disso, Odorico Mendes omite ou varia algumas repetições, principalmente nos epítetos. No Canto I, por exemplo, Briseida e Criseida recebem o epíteto καλλιπάρηον (καλλιπάρηος, literalmente ‘de belas bochechas’) seis vezes. Na tradução de Odorico Mendes vem “esbelta e linda”, “elegantíssima”, “nítida”, “formosa”, “fresca e bella” e “pulcherrima”.³⁵ Para ele:

As repetições de Homero se reduzem a duas classes: ora, por exemplo, manda Jupiter um recado, que o mensageiro dá pelos mesmos ou quase pelos mesmos termos; ora, juntam-se epithetos, que por continuados ás vezes podem enfasiar. Conservo as primeiras como proprias da singeleza do autor, porque nellas se assemelha aos antigos da Biblia. Quanto ás segundas, procedo assim: trato de verter os epithetos com exactidão e nos lugares mais apropriados; isto feito, omitto as repetições onde seriam enfadonhas. Ainda mais: vario a forma de cada epitheto, ou me sirvo de um equivalente: em vez de Achilles *velocipede*, digo tambem *impetuoso*, *rapido*, *fogoso*; e assim no demais. Note-se que os adjectivos gregos, terminando em casos diversos, não tem a monotonia dos nossos, que só variam nos dous generos e nos dous numeros. — Rochefort apoda de pueril o empenho de variar: não sei como quem andava sempre agarrado ao rabicho da cabeleira de Boileau e Racine, se levantou contra a variedade no estylo, que um recommenda e pratica o outro. Se vertessemos servilmente as repetições de Homero, deixava a obra de ser aprasivel como he a delle; a peor das infidelidades. Com isto não quero fazer a apologia das paraphrases: aspiro a ser traductor (MENDES, 1874, p. 21).

Sobre isso, porém, julgo importante mencionar que os poemas homéricos foram estabelecidos numa técnica de composição oral, e que, como notou Milman Parry em seus estudos acerca do texto homérico, os epítetos geralmente são padronizados, relacionando-se aos nomes próprios, o que o levou à conclusão de que “essas e outras fórmulas eram artifícios para se improvisar a narrativa, à medida que esta se desenvolvia” (HAVELOCK, 1995, p. 29). Ou seja, o texto possui frases-fórmulas cuja função é auxiliar a improvisação e facilitar a *performance* com um recurso basicamente mnemônico, ocupando possíveis lapsos e permitindo que o aedo mantivesse o fluxo narrativo. Por um lado, é compreensível a opção de Odorico Mendes de omitir algumas repetições, já que essa é uma escolha coerente com sua proposta de tradução concisa — que, aparentemente,

³⁵ I, 128 (143 no original); 164 (184); 267 (310); 280 (323); 299 (346); 320 (369), respectivamente.

é mais afim com a poética do século XIX. Também devemos levar em conta que o tradutor não irá declamar seu texto; mesmo que traduza com métrica, que é parcialmente musical (uma vez que tem ritmo, mas não tem música), o texto é feito para ser lido em voz baixa, solitariamente. Assim, do ponto de vista do teor informativo do texto, as repetições — essas fórmulas de improviso — talvez sejam desnecessárias. Mas por outro lado elas fazem parte de uma poética que não é apenas informativa, mas também musical, pois tem ritmo no original e na qual a repetição poderia ser uma forma de ênfase e não um mero déficit estilístico; e quando excluídas perde-se uma característica importante da obra e que diz muito sobre a sociedade que a gestou. Ressalto, ainda, que em geral os epítetos refletiam características valorizadas, como os braços brancos de Hera, os olhos glaucos de Atena, e as já mencionadas belas bochechas de Briseida e Criseida. Sendo assim, talvez seja interessante manter na tradução qual é o traço valorizado no texto grego, pois eles estão inseridos numa tradição cultural.

Outra característica da tradução de Odorico Mendes é a substituição dos deuses gregos por deuses romanos,³⁶ além de ele claramente se orientar pelos latinismos nos âmbitos sintático e lexical,³⁷ o que também era comum na época. Odorico pode ter adotado os deuses latinos tanto porque Camões já havia incluído deuses romanos nos *Lusíadas*, de modo que a tradição na literatura de língua portuguesa também ia nessa direção, como porque nossa língua é latina, sendo, então, inevitavelmente influenciada pela cultura latina, como afirma Sálvio Nienkötter (2008, p. 32). Contudo, temos que nos lembrar que língua e cultura são elementos diferentes; intimamente relacionados, mas diferentes. Assim, talvez o motivo mais evidente para essa escolha — ou pelo menos o que se conclui através das notas do tradutor — seja o fato de a relação de Odorico Mendes com a literatura latina ser mais profunda do que com a grega — basta ver quantas vezes ele menciona Virgílio e a *Ilíada* em latim. Sendo assim, e novamente de acordo com André Malta, acreditamos que isso indica que o universo grego era acessado principalmente através da cultura romana. Odorico Mendes opta por tratar Homero a partir da abordagem que Virgílio já havia feito dele, reforçando a ideia de que o tradutor lia e entendia os poemas homéricos segundo sua relação com a poesia latina, particularmente a do autor da *Eneida*; resultando em “um Homero fortemente ‘virgilizado’, exatamente porque encarado sob a ótica do exemplo maior — ainda que se reconheçam [...] as diferenças” (MALTA, 2012, p. 213).³⁸

³⁶ Falamos aqui em *substituição dos deuses*, e não em simples *adoção dos nomes* latinos dos deuses em lugar dos gregos porque, apesar de haver semelhanças entre os deuses gregos e romanos, eles não são equivalentes; são, sim, fruto da assimilação pelos romanos da cultura grega. Para mais informações sobre o assunto, cf. GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma: Antiguidade Clássica II*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

³⁷ Cf. MALTA, 2012, p. 212.

³⁸ A preferência de Odorico Mendes pela literatura latina fica evidente inclusive em sua biblioteca, pois uma análise das obras consultadas mostra que os únicos escritores gregos antigos consultados foram Heródoto, Longino e Mosco, todas as outras fontes antigas são latinas: Horácio Varrão, e o próprio Virgílio.

Odorico Mendes se relaciona com a Grécia através de Roma e com Roma através de uma literatura altamente elaborada, e isso pode ter influenciado em sua decisão de fazer uma tradução um tanto latinizante. Além disso, nas notas de Odorico Mendes vemos uma admiração enorme a Virgílio, “o rei do estylo poetico” (MENDES, 1874, p. 200), um modelo quase absoluto para Mendes, que o considera um poeta superior a Homero, mas por vezes injustiçado pelos críticos, como mostram os seguintes excertos de suas notas:

216. Obrando assim, vou com Virgilio, que só por só, no meu conceito, entendia melhor a Homero que os modernos criticos e traductores: sem escrupulo o sigo ás mais das vezes, preferindo o seu juizo ao dos sabios dos nossos tempos (MENDES, 1874, p. 48).

390-402. He incrível que ninguém despertasse no meio desta matança. Virgilio, que a imitou no episodio de Euryalo e Niso, para tornal-a verosimil, faz um dos mortos vomitar sangue e *vinho*, mostrando que os inimigos dormiam embriagados; mas, não obstante a cautela, tem soffrido censuras, da parte de muitos que nada boquejam contra Homero. [...] Injustissimo he louvar-se no poeta Grego o mesmo que se reprehende no Latino (MENDES, 1874, p. 135).

184-200. Por mais que tenham justificado esta passagem, confesso que não gósto de ver a deusa da sabedoria enganar a Heitor com tanta perfidia. Se Virgilio assim tivesse escrito, como gritariam certos criticos Francezes e Allemães, vamente apostados em rebaixar o poeta Latino! Eles, que opinam ser bastante para enterrar a *Eneida* o riso malicioso de Venus perante Juno, acham excellente este engano de Minerva! (MENDES, 1874, p. 283)

Uma questão que Odorico aborda muitas vezes em suas notas é a da fidelidade. Seus escritos mostram que ele se preocupava principalmente com uma “fidelidade lexical”, procurando verter completamente o sentido dos termos do original, observando de que maneira ou com qual sentido e intenção as palavras são utilizadas no texto. É notável nesse sentido o cuidado que Mendes tem com a melhor maneira de trasladar certos termos de Homero para o português e o trabalho de comparação e pesquisa que ele fez, como mostram, por exemplo, os seguintes trechos de suas notas:³⁹

1-2. [“Canta-me, ó deusa, do Peleio Achilles/ A ira tenaz, que, luctuosa aos Gregos”] [...] *Menin*, por onde principia o poema, he *ira tenaz*, *ira não passageira*; o nosso termo desacompanhado não o verte cabalmente. *Rancor* he odio encoberto, que não vai bem com a franqueza de Achilles. *Colera* he ira subita com amarellidão no

³⁹ Entre colchetes, antes de cada nota, são citados os versos aos quais essas citações se referem, para que se possa acompanhar melhor o raciocínio do tradutor.

rosto; não indica a permanência da paixão do heroe. *Ressentimento*, além de poder ser occulto, não exprime a constante irritação. *Despeito*, que em certo modo se lhe aproxima, tendo contrahido uma accepção mais usual, carece da energia do grego. *Furor*, ou *furia*, por impetuoso não é duravel. *Raiva* he mais dos outros animaes e pareceria dizer que estava como um cão damnado. *Sanha*, segundo Fr. Francisco de S. Luiz, he ira que se mostra nos gestos e nas contorções do rosto. Assim, posto que em dados casos qualquer destes vocabulos se possa applicar a Achilles, não o pode ser á paixão que nutriu longamente e ás claras. Foi-me pois necessário ajuntar o objectivo *tenaz* (MENDES, 1874, p. 21).

162. [“Veterano meu pae, no alcaçar nosso”] [...] me advertiram que *alcaçar*, do arabe, não era para traduzir o que em Homero corresponde a *palacio*. Não acceitei a advertencia; porque, a proceder-se conforme a esta critica, fora mister evitar mesmo *palacio*, visto que naquelle tempo não conheciam os Gregos o monte *Palatino*, ou pelo menos este nome, donde veio o das nossas casas nobres; e até fôra impossivel traduzir os antigos nas linguas de hoje, cujos vocabulos não existiam. Servirmo-nos das linguas actuaes he cousa diversa de attribuirmos aos antepassados idéas que elles não tinham (MENDES, 1874, p. 75).⁴⁰

359. [“Alarga as pernas e nos pés se estriba”] Alguns [...] omittiram a particularidade exprimida no texto pelas palavras *Eu diabas* com as pernas firmes e separadas, *firmiter divaricatis cruribus stans*, como diz o interprete latino; não reflectiram que era uma circumstancia muito attendivel. Heitor alargou as pernas para melhor firmar-se; acção naturalissima: os luctadores, para não serem facilmente derribados, costumam fazer o mesmo. Pode bem um traductor, e até creio que he seu dever como já opinei em outro lugar, passar em silencio epithetos em demasia repetidos, comtanto que saiba escolher as occasiões em que taes epithetos nada accrescentem á situação; mas nunca deve pôr de parte a mais leve observação do autor, se aspira á honra de ser fiel (MENDES, 1874, p. 61).⁴¹

544-545. [“Como em curral, na primavera, moscas/ De alvos tarros deleite em roda zumbem”] A falsa delicadeza de certos modernos tem condemnado esta comparação das moscas, por julgarem que estes animalejos sam vis, nem possuem o privilegio do leão ou do tigre ou do lobo ou da panthera para entrarem num poema heroico: eu porém acho a comparação adequada, e não reconheço privilegio de semelhante aristocracia (MENDES, 1874, p. 216).⁴²

328. [“Varejeira audacissima, discordas?”] Marte chama a Pallas *canina mosca*, em portuguez *varejeira*, *moscão*, *moscardo*, *atavão* ou *tavão* ou *atabão*, insecto importunissimo aos animaes: não sei porque os traductores fogem do termo

⁴⁰ O verso corresponde ao V, 198 do texto grego.

⁴¹ O verso corresponde ao XII, 458 do texto grego.

⁴² Os versos correspondem a XVI, 641-642 do texto grego.

proprio, e fazem Marte chamal-a *sem vergonha*; o que he maior insulto, porque ser importuna e trefega he menos que ser descarada (MENDES, 1874, p. 274).⁴³

É visível também que Odorico Mendes atentava para uma “fidelidade sintática” e “estilística”, observando quando seria inconveniente ou recomendável omitir palavras e nomes próprios ou mudar sua ordem no texto. Normalmente o fundamento de seus argumentos é a cultura da sociedade à qual o poema se refere:

319. [“Jupiter, Pallas, Phebo, quem me dera”] Alguns traductores não se lembraram de que em Homero, se ás vezes podemos sem inconveniente alterar a ordem em que vem os nomes proprios, nem sempre he isso permitido. Aqui não se poderia pôr *Phebo* em primeiro lugar que *Pallas*, porque esta occupava as honras depois logo de Jupiter, e só lhas disputava Juno. Diz Horacio: Proximos illi (Jovi) tamen occupavit Pallas honores (MENDES, 1874, p. 37).⁴⁴

413. [“No seio da ama de elegante cinto”] *Euzonoio*, de bello cinto, he epitheto que se não póde omittir; mostra que naquelles tempos, como nestes nossos, as mães traziam as amas enfeitadas; e o mesmo consta do epitheto *bem velado*, correspondente ao do verso grego 330, que vem acima (MENDES, 1874, p. 87).⁴⁵

526. [“A alma no peito Argivo assim tituba”] Homero colloca no peito a alma humana: nem sempre verto eu o seu pensamento á letra; mas algumas vezes o faço, para não omittir uma opinião daquelles tempos (MENDES, 1874, p. 200).⁴⁶

398. [“E atreves-te, cachorra, a ter-me rosto?”] A soberana do céo chama a pobre Diana *cadella atrevida*. Como entre nós dizem *cadella* a mulher de costumes devassos, a palavra *cachorra* exprime o insulto sem a idéa contida no termo portuguez, insulto não contido no termo grego. Estas amenidades sam do uso dos deuses em Homero (MENDES, 1874, p. 274).⁴⁷

Apesar de o tradutor buscar a fidelidade tanto a nível lexical como sintático e estilístico, suas notas mostram que o primeiro foi mais trabalhado na tradução. Isso talvez se deva à limitação do conhecimento que Mendes tinha do grego e ao método que ele descreve, que o deixam mais propenso a ser preciso na ‘fidelidade lexical’ e a deixar as duas outras de lado, inclusive por ser menos capaz de aferi-las.

⁴³ O verso corresponde ao XXI, 394 do texto grego.

⁴⁴ O verso corresponde ao II, 371 do texto grego.

⁴⁵ O verso corresponde ao VI, 467 do texto grego.

⁴⁶ O verso corresponde ao XV, 629 do texto grego.

⁴⁷ O verso corresponde ao XXI, 481 do texto grego.

Em suas notas, o tradutor toma Homero,⁴⁸ além de poeta, por historiador, geógrafo, naturalista, anatomista e principalmente sociólogo; e constantemente compara e tenta relacionar os costumes da sociedade homérica com a realidade popular brasileira — às vezes identificando também o homem homérico com os índios daqui —, ou com o passado da Europa.⁴⁹

170[-171]. [“Mas, se topa um plebeu vociferando,/ Lhe imprime o sceptro o grita: ‘Improbo, cal-te’”] Minerva manda Ulysses impedir a partida, e recommenda-lhe bons termos e doçura; mas o sabio entendeu que isso era para os magnatas, e levou o povo a golpes de sceptro. He antiquissimo haver duas justiças, uma para os figurões e outra para os pequenos. He aqui Homero fiel historiador (MENDES, 1874, p. 37).⁵⁰

255-257. [“Quinquenne touro ao padre omnipotente:/ Esfolam-no, retalham-no, espotejam./ De espeto as carnes cuidadosos assam”] [...] quando falla Homero dos assados, ajunta um adverbio ou cousa que recorde quam difficil he conseguil-os bons. Em nossos dias, Brillart -Savarin na sua *Physiologie du Goût*, escrevia que os cozinheiros fazem-se, mas que os assadores nascem; o que vae com o pensamento do poeta. Postoque os Inglezes na Europa são os que melhor sabem apreciar a iguaria preferida pelos heroes da *Iliada*, he nos sertões do nosso Brazil, principalmente nos do Ceará e do Rio-Grande do Sul, que os assados formam a comida principal. Não he só nisto que os sertanejos tem semelhança com os taes heroes; tem-na em muitos pontos: na simplicidade e singeleza, na hospitalidade, no amôr da vingança bem como no costume de discursarem antes de se travarem em duello; costume que ha tambem entre os selvagens de toda a America, ainda mais parecidos com os homens de Homero (MENDES, 1874, p. 97).⁵¹

333-334. [“O coração me pede grata esposa,/ Que se affeioe aos predios meus paternos.”] Assim, põe Homero na boca do heroe [Aquiles] o desejo de casar com uma que se accomode (apta) que se deleite (delectari) nas possessões de Peleu, e não com senhora de côrte pomposa, como então era Argos e Mycenas, a qual não se habituasse a uma vida simples e caseira. Na verdade, quem mora no campo, e mesmo em pequena povoação, faz mal em casar em grande cidade, e peor em côrte: a boa da consorte nunca está satisfeita em casa; suspira pelos theatros, *bailes mascarados*, passeios e carruagens de luxo, pelas bonitas lojas, pelo tumulto das ruas, e não cessa de inspirar ao marido a idéa de ir gastar em seis mezes o poupado em dez annos. — Tenho, cá na Europa, notado que os nossos Brasileiros ou Portuguezes, casados com Francezas ou Inglezas, e mesmo com Allemãs ou Italianas, não podem mais viver no Brazil e em Portugal, em razão das instancias de suas mulheres, que

⁴⁸ Apesar de ciente das dúvidas a respeito da existência de Homero, como mostra seu prefácio, Odorico Mendes sempre se refere a ele como autor.

⁴⁹ Cf. MALTA, 2012, p. 235.

⁵⁰ Os versos correspondem aos II, 198-199 do texto grego.

⁵¹ Os versos correspondem aos VII, 315-317 do texto grego.

desfazem de tudo que ha nas terras dos maridos, e choram pela sua Londres, Vienna, Milão, Florença, e principalmente por Paris; e, o que he mais de lamentar, inspiram aos filhos a repugnancia ao ninho paterno. Uma tal he que não desejava encontrar Achilles (MENDES, 1874, p. 123-124).⁵²

261. [“Salta e encapella o ferrugineo pego”] [...] o mar, quando a atmosphaera se carrega de electricidade, fica ás vezes *ferrugineo*. Não se deve perder esta observação de Homero; o qual não era sómente um assombroso poeta, mas um sabio conhecedor dos phenomenos da natureza, quanto se podia ser em seu tempo (MENDES, 1874, p. 151).⁵³

501. [“O hombro lhe esflora e o osso lhe descarna”] Pode parecer estranho o que se lê [...], isto he que a ferida foi leve e comtudo escarnou o osso; mas reflecta-se que em cima do hombro fica a pelle extremamente chegada ao osso. Homero he admiravel ao descrever principalmente as partes externas do corpo humano (MENDES, 1874, p. 229).⁵⁴

Mendes ainda comenta atitudes e costumes que lhe desagradam de algum modo, muitas vezes por serem, para ele, um tanto “imorais”; e faz algumas divagações:

14. [“Aqui pespegue-te um gibão do açoutes”] Um *gibão de açoutes*, em portuguez, significa *muitos açoutes nas costas*; o que sem disfarce traduz a ameaça de Jupiter. [...] esta he uma das varias [passagens] em que os deuses em Homero sam grosseiros e miseraveis, como os suppunha o paganismo. Muitos se apegam vamente ao sentido allegorico para o desculparem em taes passagens; mas, postoque a base daquellas crenças fosse a allegoria, os poemas de Homero não a sustentam systematicamente. Quando elle pinta os deuses taes quaes o vulgo, ou antes o povo todo, os considerava, sam pela maior parte injustos, barbaros, devassos e criminosos; quando, com incomparavel imaginação, os realça, approximam-se da perfeição inherente á natureza divina: no primeiro caso, he um fiel historiador desses tempos; no segundo, como que se adianta ao seu seculo — mostrando melhores idéas,

⁵² Os versos correspondem a IX, 398-399 do texto grego.

⁵³ O verso corresponde a XI, 298 do texto grego.

⁵⁴ O verso corresponde a XVII, 599 do texto grego. As notas de Mendes à sua tradução da *Odisseia* possuem o mesmo tipo de observações e divagações presentes nas notas da *Ilíada*. Um exemplo é a nota ao verso V, 120-121 da Odisseia: “[Parte, consinto. Abate a bronze troncos,/ De alto soalho ajeita ampla jangada”] É notável que a descrição da *jangada* assim aqui como mais adiante, case inteiramente com o que vemos hoje em dia. As que andam nas costas de muitas províncias do Brasil têm o mesmo soalho de que fala Homero, com um banco alto onde os jangadeiros atam os cabos da vela. Este soalho ou tabulado é um como tombadilho, mas não comparável aos dos navios; e eu o chamara *jirau*, nome da língua geral dos indígenas usado para significar o objeto, se não temesse a pecha de querer acaboclar a linguagem de Homero. Pobre tradutor do poeta, já me vi metido em uma jangada na costa do Ceará, a qual saía ao mar pela primeira vez e tinha uma vela descompassada; virou-se, e tive de perder entre as grossas vagas chapéu, sapatos e meias: foi este um dos grandes perigos em que me tenho achado. A ninfa Ino certamente não me acudiu nem me emprestou a cintura de salvação, como fez a Ulisses; mas outra jangada, maior e melhor, veio em socorro nosso, e levou-me de pés descalços a bordo do brigue português Aurora, que me transportou ao Maranhão. Os velhos gostam de memorar as suas aventuras” (MENDES, 1928, p. 70-71. Os versos correspondem a V, 163-164 do texto grego).

que talvez tinha dentro da alma e não ousava declarar. Para mim está justificado Homero, sem recorrer a alegorias e subterfugios, pois não fez mais que historiar as incoerentes crenças populares (MENDES, 1874, p. 199).⁵⁵

77-81. [“Salva as naus e retorna; elles pleitêem/ Em raso campo. O sempiterno Padre,/ Minerva e Apollo, a morte a nenhum Teucro/ E a nenhum Grego poupe; escapos ambos,/ Sós Ilio sacra derribar nos caiba”] Confesso que não gosto deste lugar da falla de Achilles: primeiro, pelo ciume de que o amigo podesse vencer Troia sem elle; segundo, pelo manifestado desejo de sobreviver só com Patroclo a todos os outros Gregos, entre os quaes havia muitos seus devotos, como eram Ajax, Ulysses, e principalmente Phenix. Tam desmedida exageração contradiz os bons sentimentos habituaes do heroe (MENDES, 1874, p. 215).⁵⁶

45-48. [“Primeiro que a discordia nos roesse/ Magoados corações por uma escrava,/ Oh! Diana ante as naus a assetteasse,/ No mesmo dia que abati Lyrnesso”] Parece-me que o poeta não deveria pôr na boca do heroe estas palavras odiosas. Como! Depois de confessar que amava apaixonadamente a Briseida, agora deseja que a tivera assetteado Diana! Briseida não era pessoa ordinaria, mas a filha de um principe, e Patroclo a considerava tam boa, que lhe prometteu fazer o possivel para casal-a com o proprio Achilles; circumstancia que mais agrava o seu cruelissimo desejo. Isto mostra quam infelizes eram as mulheres naquelles tempos, e quam miseravel tem sido sempre a condição de escrava (MENDES, 1874, p. 251).⁵⁷

Por fim, uma das características mais comentadas da tradução de Odorico Mendes é sua linguagem, rebuscada e arcaizante, com o uso de termos que já não eram correntes e de neologismos, principalmente para epítetos, como *braci-nívea*,⁵⁸ *dedi-rósea*,⁵⁹ ou *olhi-cerúlea*.⁶⁰ Ao que parece, os neologismos de Odorico Mendes possuem dois objetivos: “o de engrandecer e desenvolver o idioma pátrio, explorando todas as suas possibilidades e maleabilidade, para que ele se afirme sobre os mais rígidos e limitados” (MALTA, 2012, p. 241), e o da concisão, que

está conectada à vontade [...] de infundir em nossa língua o sintetismo do grego e do latim, e que já tinha representantes menos incisivos em tradutores como Filinto Elísio [...], cuja autoridade invoca para defender o emprego de certos vocábulos (MALTA, 2012, p. 218).

⁵⁵ O verso corresponde ao XV, 17 do texto grego.

⁵⁶ Os versos correspondem aos XVI, 95-100 do texto grego.

⁵⁷ Os versos correspondem aos XIX, 57-60 do texto grego.

⁵⁸ Λευκώλενος Ἥρη (I, 55), literalmente, “Hera de brancos braços”.

⁵⁹ Ροδοδάκτυλος Ἥως (I, 477), “Éos de dedos róseos”.

⁶⁰ Γλαυκῶπις Ἀθήνη (I, 206), “Atena de olhos claros”, “de olhos brilhantes”, “de olhos glaucos”.

Odorico não pretendia rivalizar com as línguas clássicas, e sim “penetrar [...] [nelas] para que desse contato o português saia embelezado, capaz de mostrar todos os seus recursos e todo o seu arrojo” (MALTA, 2012, p. 246). Isso fica bem evidente quando ele diz, numa nota da Eneida, que a língua portuguesa é capaz de traduzir certos termos, enquanto as línguas vivas da Europa, não.⁶¹ Contudo, Odorico Mendes considera que muitas vezes isso depende do tradutor: se este sabe manejar bem seu idioma, é capaz de traduzir as particularidades das outras línguas.

He uma regra já assentada que deve o traductor saber igualmente a língua original e a sua; mas eu opino que, se lhe basta saber a do original como um, forçoso lhe he saber a propria em dobro ou tresdobro. Quando se me apresentar, *v.g.*, um trecho de versos, ainda que não conheça todas as palavras, posso buscá-las nos dictionarios, consultar comentadores, críticos etc.; mas os termos da propria língua, se não vem immediatamente á nossa memoria, como he que os havemos de procurar? Para bem traduzirmos em português, cumpre d’antemão e com afnco termo-lo estudado, conhecer em grande parte os vocabulos; afim que nos ocorram immediatamente e sem custo. Exemplo que ofereço nesta versão da *Ilíada*, prova a opinião acima exposta e com igual methodo, jamais amestrado pela prática e pela experiencia, espero tambem verter a *Odysséa*, se a morte não vier atalhar projectos concebidos na minha idade (MENDES, 2010, p. 51).

A tradução de Odorico Mendes não foi bem recebida, e talvez as duras críticas que ela recebeu à época sejam a razão de sua tradução da *Odisseia* ter sido publicada apenas em 1928, mais de sessenta anos após a morte do tradutor. A tradução é considerada de difícil compreensão, tanto devido aos versos curtos como à linguagem usada por Mendes, arcaizante e rebuscada. Odorico Mendes é, em geral,

classificado como um neoclássico tardio, cultor das mesmas ideias e das mesmas formas antigas, mas que agora já surgem, em pleno romantismo e diante de uma nova sensibilidade, como degeneração e passadismo, e não sem alguns exageros e excessos característicos, explicáveis talvez pela vontade de reagir e conservar, o que só reforçava o deslocamento (MALTA, 2012, p. 210).

O jornalista e crítico literário Silvio Romero foi um dos principais críticos de Odorico (e talvez um dos primeiros, tendo publicado seu comentário em 1888), dizendo que suas traduções são injustificáveis — apesar de o poeta haver mostrado que possuía talento —, e que em seu estilo “esvaeceu-se de todo a poesia do velho Homero” (ROMERO, 1888, p. 469). Classificando o tom do tradutor como “pedantesco e maçudo” (ROMERO, 1888, p. 469), Silvio Romero opina ainda que as páginas “ásperas, prosaicas, obscuras” da tradução assaltam o leitor como flagelos (ROMERO, 1888,

⁶¹ Cf. MENDES, 1854, p. 250.

p. 466), chama de pueril a ideia de que a língua portuguesa é tão concisa quanto a latina e a grega, diz que Mendes empregou um “português macarrônico” e “torturou phrases, inventou termos, fez transposições barbaras e períodos obscuros, jungiu archaismos a neologismos, latinizou e grecificou palavras e proposições, o diabo!” (ROMERO, 1888, p. 466-467), conseguindo, com “affectação grammatiqueira, purista e pseudo-classica”, abafar e evaporar a poesia de Homero (ROMERO, 1888, p. 467):

Quanto ás traducções de Virgílio e Homero tentadas pelo poeta, a maior severidade seria pouca ainda para condemnal-as. Ali tudo é falso, contrafeito, extravagante, impossível. São verdadeiras monstruosidades. Nas traducções dos monumentos das letras clássicas existem três grandes questões a considerar: ha o lado scientifico propriamente dito, isto é, os problemas de philologia, mytographia, etc. que se prendem á cultura greco-romana; ha a face linguistica, o maior ou menor conhecimento das línguas e da respectiva litteratura; ha, finalmente, o prisma artístico, o talento, a capacidade poetica do traductor. O primeiro aspecto do problema foi pouco da alçada de Odorico; o segundo elle o conheceu; o terceiro faltou-lhe completamente (ROMERO, 1888, p. 466).

A respeito dos neologismos, Romero diz que:

os crinitos Graios, a clavi-argentea espada, os bronzeados bucos, as falripas, as adargadas hostes, os bastados sócios de topete hirsuto, a olhi-cerulea-críni-pulchra dea, a predadora Pallas pulchri-coma, os ungui-sonos cavallo, acrocea aurora, os solipedes, o urbi-frago Pellidis, a nuncia procelipede, a rija-eri-aguda lança, o vellocipede Achilles, a olhi-taurea Juno, o infrugifero ar, os Acheus amplo-comados, e semelhantes pragas nos assaltam por toda a parte (ROMERO, 1888, p. 469).

Concordou com Silvio Romero o literato brasileiro Antonio Candido, que afirmou, em um comentário escrito em 1975:

Outra ocorrência de mau gosto são os neologismos em que se fundem substantivo e adjetivo, sujeito e complementos. [...] [Assim] fez Odorico Mendes, como se sabe, alastrando a sua tradução da *Ilíada* de vocábulos e expressões que tocam as raias do bestialógico e a que Sílvio Romero já fez a devida justiça: *multimamante, olhicerúlea, albinitente*.

Na poesia e nos sermões dêsse tempo grassa, pois, um preciosismo do pior gosto, enfático, vazio, em que o termo raro, a imagem descabida, a construção arrevezada até a obscuridade são apoios duma inspiração pobre, em fase de decadência.

[...]

Tal mania revela espíritos retorcidos que procuram compensar a imaginação vacilante com a elevação ilusória da palavra complicada (CANDIDO, 2000, p. 190).

Por fim, entre as críticas feitas em tempos mais recentes (2012, no caso) temos a de André Malta:

Aqui [...] não vemos o desejo de criar um Homero “palatável”, equilibrado e claro. As ideias não são distendidas, mas antes contraídas, abreviadas — ao todo, serão quase oitenta versos menos [...] [no Canto I]. Se, por um lado, temos, por conta disso, uma versão mais “fiel” ao original e seus conteúdos, mais “escrupulosa”, porque não voltada para explicitá-los, por outro a forma como são veiculados é contorcida, obscura e retrógada, eivada de hipérbatos, elipses, arcaísmos e neologismos. [...] [...] é como se o latinismo fosse aqui potencializado em detrimento da elegância [...], é a ideia de uma *forma* concisa, latinizada em português, que parece determinar todas as suas outras escolhas — ideia que o conduz a um resultado afetado, áspero e desarmônico (MALTA, 2012, p. 218-220).

Por outro lado, há os defensores da tradução de Odorico Mendes, como Henrique Alves de Carvalho, que opina:

Usa, em verdade, Odorico Mendes de uma phrase muito apurada, as mais das vezes de palavras que já não correm na vulgaridade e que de muito bom portuguez passaram para o esquecimento, dando lugar á francezia e a magros vocabulos preferidos pelos que pouco zelam da belleza da lingua, e a isto é que chamam de defeito, o que quiçá quereriam todos que se lhes notasse, se os podessem possuir (CARVALHO, 1874, p. IV).

Há também os elogios à tradução de Odorico Mendes feitos recentemente por Sálvio Nienkötter (2008, p. 33), para quem “Odorico Mendes produz uma tradução [...] pessoal e tão homérica”, e os de Paulo Sérgio de Vasconcellos, para quem a tradução de Odorico possui “rigor e criatividade” (VASCONCELLOS, 2008, p. 8), e é “inaceitável [...] que a academia rejeite traduções que recriam poeticamente o original” (VASCONCELLOS, 2011, p. 73).

O principal admirador de Odorico Mendes — e a quem normalmente se recorre como uma espécie de “argumento de autoridade” quando se escreve sobre as suas traduções — é Haroldo de Campos (figura proeminente na teoria da tradução poética brasileira e também no cenário da própria poesia brasileira do século XX), criador da *transcrição*, que consiste basicamente na sua interpretação dos conceitos *creative transposition* (‘tradução criativa’), de Roman Jakobson, e *Umdichtung* (‘recriação poética’; ‘transpoetização’, na tradução de Haroldo de Campos), de Walter

Benjamin.⁶² Em resumo, sua teoria preza a preocupação com a forma e o conteúdo do poema, com a sonoridade e o sentido, que “devem ser levados em conta e micrologicamente ponderados pelo tradutor-criador (transcriador), para o fim de reconfigurá-los em sua língua” (NÓBREGA; GIANI, 1988, p. 56). Além disso, “as latências e possibilidades da língua do tradutor” devem ser exploradas, e ela “deve ser exposta ao impulso violento da língua estranha”; e o tradutor não deve ser fiel apenas ao conteúdo ou ao significado do texto, mas deve buscar, sim,

uma ‘hiperfidelidade’, que aspira a dar conta não apenas desse conteúdo de comunicação [...], mas ainda da própria semantização das categorias sintáticas e morfológicas, da semantização de que também se imanta o nível fônico de um poema (NÓBREGA; GIANI, 1988, p. 57).

Por todas as características da tradução de Odorico Mendes, Haroldo de Campos afirma que Mendes foi “o primeiro a propor e a praticar com empenho aquilo que se poderia chamar uma verdadeira teoria da tradução” (CAMPOS, 2013, p. 8). Segundo Haroldo de Campos, o sistema de tradução desenvolvido por Odorico Mendes é “coerente e consistente”, e os vícios existentes “são justamente os vícios de suas qualidades, quando não de sua época” (CAMPOS, 2013, p. 9). Campos diz também que Mendes consegue reproduzir a “melopeia” presente no texto de Homero, além de ter “aqui e ali, seus bons momentos de ‘logopeia’” (CAMPOS, 2013, p. 11); e elogia ainda a sonoridade que a tradução alcança, chamando atenção para a “transcrição onomatopaica do ruído do mar, uma constante incidência na epopeia homérica: Muge horrísona vaga e o mar reboa,/ Com sopro hórrido e ríspido encapelam/ O clamoroso pélagos [...]” (CAMPOS, 2013, p. 11).⁶³ A respeito dos neologismos, apesar de considerar que alguns deles são “perfeitamente bem-sucedidos, como Íris ‘alidourada’, ‘criniazul’ Netuno, ou, para um rio, ‘amplofluyente’ ou, ainda, ‘bracicândida’ para Helena, tudo dentro do contexto que cria e das regras do jogo que estabeleceu” (CAMPOS, 2013, p. 10), outras soluções são “sesquipedais e inaceitáveis”, como é o caso de “velocípede Aquiles” para o que seria “Aquiles de pés velozes”: “soa caricato, quando hoje velocípede é a denominação

⁶² Não é o caso de retomar aqui em toda a sua complexidade as teorias de Roman Jakobson e de Walter Benjamin sobre a tradução literária. Para o que nos interessa, limito-me a ressaltar que, em resumo, de acordo com a teoria de Walter Benjamin, a tradução expressa o relacionamento das línguas entre si, e é tarefa do tradutor “encontrar na língua para a qual se traduz a intenção, a partir da qual o eco do original é nela despertado” (BENJAMIN, 2008, p. 75). A teoria de Roman Jakobson, por sua vez (e também em linhas gerais), divide a tradução em três tipos: a tradução intralingual ou reformulação, na qual os signos de uma mesma língua são interpretados, a tradução interlingual ou tradução propriamente dita, na qual os signos verbais são interpretados por meio de outra língua, e a tradução inter-semiótica ou transmutação, que seria a interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais (cinema, artes plásticas, espetáculos teatrais etc.; cf. JAKOBSON, 1995, p. 64-65); sendo, claramente, o segundo tipo o trabalhado aqui. Segundo Jakobson, mesmo que certos processos gramaticais não existam na linguagem para a qual se traduz, é possível que a informação conceitual contida no original seja totalmente traduzida. A poesia, porém, por confrontar e justapor os constituintes do código verbal, contratando-os e assimilando-os – o que faz com eles transmitam uma significação própria –, é, por definição, intraduzível. Por suas características, a arte poética pode ser vertida apenas pela transposição criativa (JAKOBSON, 1995, p. 72).

⁶³ O primeiro verso citado é II, 180 e os dois últimos são XXIII, 180-181.

corriqueira de um veículo para crianças” (CAMPOS, 2013, p. 10), mas por outro lado isso poderia ser uma espécie de preconceito anacrônico do próprio Haroldo de Campos.

Haroldo de Campos foi o responsável por “redescobrir” as traduções de Odorico Mendes. Para ele, a língua portuguesa, na tradução de Odorico Mendes, “deixa-se arrebatada e seduzir pela encantação melopáica do texto homérico” (CAMPOS, 1999, p. 111); e o tradutor foi condenado “à danação por parte de uma crítica ‘surda’ a seu projeto grecizante” (CAMPOS, 1999, p. 111). O problema, aí, é que não parece haver realmente um “projeto grecizante” por parte de Odorico Mendes, para quem os neologismos eram naturais e necessários: não possuindo a língua de chegada uma palavra que a salve da dificuldade do termo do original, recorre-se à invenção de alguma. Nem todos os neologismos usados por ele são de sua criação, inclusive, como *olhi-taurea*, epíteto de Hera que Mendes utiliza “por variedade”, e *hecatompyla*, “de cem portas”, ambos de Francisco Manuel;⁶⁴ *egíaco*, epíteto de Zeus, *alalcomenia* e *glaucopide*, epítetos de Atena, todos de Monti.⁶⁵ Odorico Mendes não recorre apenas ao grego, mas também — e talvez principalmente — ao latim e ao italiano; além de buscar termos antigos e fora de uso. Vale notar, ainda, que alguns dos neologismos mais comentados — por exemplo os já mencionados *braci-nívea*, *dedi-rósea* e *olhi-cerúlea* — são mais próximos sonora e estruturalmente dos termos usados no latim — *ulnis-candida*, *rosea-dígitos* e *cæfisis-oculis* — do que os do grego (Λευκώλενος, Ροδοδάκτυλος e Γλαυκῶπις). Assim, se Mendes tinha algum projeto de estrangeirização da língua, ele, mais do que *grecizante*, seria *latinizante*.

Nesse sentido, o projeto de Odorico representa uma espécie de exacerbação do clássico, levado às suas últimas consequências. [...] É a ideia de uma *forma* concisa, latinizada do português, que parece determinar todas as suas outras escolhas (MALTA, 2012, p. 220).

Em geral, usa-se uma citação específica de Odorico Mendes para sugerir que ele tinha esse suposto projeto de estrangeirização da língua, a saber:

Cumprer lutar com o original, temperando a iguaria com os adubos que nos ministra cada língua, ou pedindo-os ás estranhas em caso de necessidade: o mais não he traduzir; he emendar ou corregir o que não há mister emenda nem correccão; he tirar aos leitores o gosto de penetrar na antiguidade (MENDES, 1874, p. 38).

Contudo, seria possível considerar que ao afirmar isso Odorico Mendes não esteja sugerindo uma helenização do português (ele fala inclusive em “pedir às [línguas] estranhas”, o que poderia incluir outras línguas além da grega), mas sim uma atitude menos servil, por parte

⁶⁴ Cf. MENDES, 1874, p. 22, 38 e 123.

⁶⁵ Cf. MENDES, 1874, p. 48, 59 e 109, respectivamente.

dos tradutores, diante das línguas e do texto original. Assim, Odorico Mendes teria “lutado com o original” ao inserir em sua tradução opções tradutórias que refletem os autores e tradutores que ele admirava, como Camões, Antonio Ferreira, Monti; ao pensar criticamente o texto de Homero e alterar o que poderia não estar ao gosto do leitor contemporâneo a ele, como as repetições; e, sim, ao usar neologismos que não só embelezariam seu texto (justamente por aproximá-lo dos textos de escritores que ele admirava), mas que ajudariam também a deixá-lo mais conciso.

Apesar de Odorico Mendes ter sido o primeiro escritor a lançar uma tradução completa da *Ilíada* em língua portuguesa, certas características de seu texto fizeram com que ele não fosse bem recebido. Foi com o resgate feito mais tarde por Antônio Medina Rodrigues (cujo prefácio à edição da tradução de Odorico Mendes da *Odisseia*, publicada em 2000, traz muitas informações e reflexões úteis sobre a vida e a obra de Mendes) e por Haroldo de Campos, numa época em que certas características da tradução de Odorico Mendes eram valorizadas, que seu trabalho, antes deixado de lado, voltou a ser lido e estudado. A tradução de Mendes pode não ser a ideal para um estudo da *Ilíada* (ou mesmo para uma primeira leitura do poema), mas ela tem um valor histórico e literário inestimável, não só devido à época em que o texto foi feito, mas também devido às notas do tradutor, que oferecem ricas reflexões sobre o ofício do tradutor, a língua grega e as sociedades grega e brasileira, principalmente.

Referências bibliográficas

Edições e traduções de Homero

- HOMERI **Opera**. Oxford: Oxford University Press, 1920.
 HOMER. **The Iliad**. Editada, com aparato crítico, prefácio, notas e apêndices por Walter Leaf. Londres: Macmillan, 1900.
 HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
 HOMERO. **Ilíada**: em verso português. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg, 1874.
 HOMERO. **Odysséa**. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro Freitas Bastos & Cia, 1928.

Referencial teórico geral

- BENJAMIN, W. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: BENJAMIN, W., CASTELLO BRANCO, L. (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2008. p. 66-81. (Cadernos Viva Voz).
 CAMPOS, H. de. Da tradução como criação e como crítica. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Org.). **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 1-18.
 CAMPOS, H. de. Transcriar Homero: desafio e programa. In: HOMERO. **Os nomes e os navios**: Homero, *Ilíada*, II. Tradução de Haroldo de Campos. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 111-128.
 CANDIDO, A. Mau gosto. In: _____. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. Primeiro volume (1750-1836). 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. cap. 3. p. 190-194.

- CARVALHO, H. A. Ao leitor. In: HOMERO. **Ilíada**: em verso português. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg, 1874. p. III-VIII
- CORREIA, M. A. Poesia de Homero (notas, comentários e reflexões). In: HOMERO. **Ilíada**. Tradução, prefácio e notas de Pe. Manuel Alves Correia. Lisboa: Sá da Costa, 1944-1945. p. 127-259. v. 3.
- HAVELOCK, E. A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Org.) **Cultura escrita e oralidade**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Atica, 1995. p. 17-34.
- JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. **Lingüística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 63-72.
- LISBOA, J. F. Biographia do auctor escripta e publicada em 1862 por João Francisco Lisboa.
- HOMERO. **Ilíada**: em verso português. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg, 1874. p. IX-XL.
- MALTA, A. De Pope a Odorico: Homero em dois tempos. In: _____. **Homero múltiplo**: ensaios sobre a épica grega. São Paulo: Edusp, 2012. cap. 6, p. 209-247.
- MANUEL Rodrigues da Silva Abreu. In: SILVA, I. F. da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. p. 97-98.
- MENDES, M. O. **Cartas de Odorico Mendes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989. (Coleção Afranio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, 13).
- MENDES, M. O. Notas ao Livro I-II. In: VIRGÍLIO. **Eneida Brasileira**. Tradução de Odorico Mendes. Paris: Typographia de Rignoux, 1854.
- MENDES, M. O. Notas ao Livro I-XXIV. In: HOMERO. **Odysséa**. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro Freitas Bastos & Cia, 1928.
- MENDES, M. O. Notas ao Livro I-XXIV. In: HOMERO. **Ilíada**: em verso português. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg, 1874.
- MENDES, M. O. Prólogo. In: YEE, R. da S.; SOUZA, R. de; LIMA, R. A **Ilíada** por Odorico Mendes: prólogo inédito da tradução. **Cadernos de literatura em tradução**, São Paulo, n. 11, p. 47-60, 2010. p. 51-57.
- NIENKÖTTER, S. Prefácio. In: HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 11-36.
- NÓBREGA, T. M.; GIANI, G. M. G. Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paulo Vizioli falam sobre tradução. **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, Campinas, n. 11, p. 53-65, jan.-jun. 1988.
- PLATO. Ion. In: **Platonis opera**. Edited by J. Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1968. v. 3.
- ROMERO, S. Poetas de transição entre clássicos e românticos. In: _____. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888. v. 1. cap. 8, p. 435-583.
- VASCONCELLOS, P. S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 10, p. 68-79, 2011.
- VASCONCELLOS, P. S. Apresentação. In: VIRGÍLIO. **Eneida Brasileira**. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Editora Unicamp, 2008. p. 7-8.
- VERÍSSIMO, J. Gonçalves Dias e o grupo maranhense. In: _____. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963. cap. 11, p. 177-195.
- VIRGÍLIO. **Virgílio Brasileiro**. Tradução de Odorico Mendes. Paris: Typographia de W. Remquet, 1858.
- YEE, R. da S. O processo criativo de Odorico Mendes através dos manuscritos da tradução da **Ilíada**. In-**Traduções**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 35-51, 2010.
- YEE, R. da S.; SOUZA, R. de; LIMA, R. A **Ilíada** por Odorico Mendes: prólogo inédito da tradução. **Cadernos de literatura em tradução**, São Paulo, n. 11, p. 47-60, 2010.

